

PICADEIRO! A VIDA E A ROTINA NA ITINERÂNCIA

Lucas Mathias¹

Resumo

Este trabalho é fruto da proposta da professora doutora Marília Pisani de que fizéssemos uma etnografia na disciplina de Práticas em Ciências e Humanidades, cujo objetivo é fomentar o desenvolvimento de pesquisas na área de Ciências Humanas. Uma etnografia consiste na observação de um campo e na descrição de como as pessoas vivem nele, visando uma transformação da visão do observador sobre o objeto de estudo, um trabalho desafiador em diversos aspectos, como a escolha do campo, a seleção de possíveis informantes, a escolha de quais informações são suficientemente relevantes para que estejam presentes no resultado final. O objeto de estudo escolhido por mim neste ensaio foi o circo recém-chegado à cidade, e no tempo em que me dediquei a este objeto de estudo pude observar a relação de seus integrantes com este estilo de vida, as relações empregatícias, a visão que eles têm sobre o próprio trabalho, as dificuldades que eu não imaginara, e uma bela relação com a memória e a tradição.

Palavras-chave: Etnografia, circo, espetáculo.

Abstract

This work results from the proposal of the Phd Professor Marília Pisani for us to make an ethnography in the subject of Practices in Sciences and Humanities, whose objective is to foment the development of researches in the Human Sciences area. An ethnography consists of the observation of a field and the description of how people live in it, aiming at a transformation of the observer's vision about the object of study, a challenging work in several aspects, such as the choice of field, the selection of possible informants, the choice of which information is sufficiently relevant to be present in the final result. The object of study chosen for this essay was the newly arrived circus in the city, and in the time that I devoted myself to this object of study I was able to observe the relation of its members with this lifestyle, the employment relations, the vision that they have about their own work, difficulties that I had not imagined, and a beautiful relationship that they have with memory and tradition.

Keywords: Ethnography, circus, show.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: lucasmathias22@hotmail.com..

Ensaio

Quando me foi apresentado o trabalho que esta disciplina propõe (descrever um campo, e como as pessoas vivem nele), me senti instigado pelo desafio, mas angustiado pela dificuldade da escolha. Eu não conseguiria cair na tentação de escolher algo fácil para me livrar de dificuldades, mas também não poderia simplesmente pegar um avião e buscar uma tribo indígena para descrever, ou a máfia russa, ou populações em zonas de guerra, de maneira que eu teria que encontrar o ponto ótimo entre viabilidade do trabalho (tendo em vista que havia outras matérias para as quais eu deveria dedicar meu tempo) e o interesse que o objeto me despertaria.

Era uma quarta-feira, dia de chegar à aula já com a ideia de qual campo seria objeto de meu estudo, e eu estava pensativo no ônibus da faculdade ainda buscando algum bom candidato em minha mente. Foi fácil descobrir, quando o ônibus virou a última esquina do trajeto, eu vi pela janela uma bela lona vermelha, com bandeiras de diversos países: o circo tinha chegado à cidade.

Na aula deveríamos definir questões chave a serem respondidas. Decidi temporariamente que gostaria de saber como se dá a relação com o dinheiro (se eles dividem por igual, se têm salários) e se existe uma hierarquia (se é uma cooperativa, se há um chefe, um dono). Já adianto ao leitor, no entanto, que logo me encontrei tão curioso que gostaria de saber tudo o que houvesse para saber sobre este estilo de vida. No mesmo dia, após a aula, dirigi-me ao circo, e no caminho me acompanhava a questão de como me aproximar das pessoas do circo, sendo que aquele é, ao mesmo tempo, o ambiente de moradia e de trabalho dessas pessoas, como me aproximar sem ser inconveniente?

Fui relutante e tímido, com medo de incomodá-los e causar uma má impressão já no começo. O terreno onde fora montado o picadeiro tinha seis trailers e alguns caminhões, vi alguns varais montados, sobre os quais havia roupa estendida, perto de um trailer tinha uma antena de TV por assinatura, vi um cachorro com seu filhote também ali por perto. Contornando o circo, encontrei algumas pessoas que estavam pintando de vermelho uma lona que aparentemente era amarela.

Apesar de minhas preocupações, fui bem recebido, e me instruíram a falar com um rapaz chamado Alexandre. Apresentei-me como aluno da universidade, ele se prontificou a conversar comigo sobre as histórias do circo, e tirar minhas dúvidas, inclusive levantou a possibilidade de marcar um churrasco em que eu poderia conhecer os artistas, o que me surpreendeu.

Tendo em vista o caloroso recebimento, eu decidi já no primeiro dia lhe perguntar sobre sua história no circo, Alexandre me disse que estudava para se tornar padre, e se aproximou do circo com o objetivo de atuar como “missionário”, mas afirma ter gostado do estilo de vida e então se juntou a eles em 2013. Um homem grisalho que passava por ali ouviu nossa conversa, e se aproximou para dizer entre risadas que “o circo catequizou o padre, em vez do contrário”, Alexandre coça os cabelos descoloridos um pouco sem graça, e ri junto do senhor, concordando com a cabeça.

Alexandre disse que hoje já não imagina para si um estilo de vida diferente, e que não se arrepende de ter deixado o serviço que prestava à Igreja, apesar de ainda ser bem religioso. Ele me contou que no circo há pessoas de diversas nacionalidades, e que já viajaram para alguns países da América do Sul. Por fim, me passou seu contato e me disse que eu poderia conversar com ele para me informar sobre ingressos, visitas, e que eu poderia retornar para conversar com eles com mais calma quando a montagem do circo estivesse concluída. Alexandre pareceu satisfeito com a minha visita, e falou com pesar sobre a desvalorização da cultura circense nos dias de hoje.

No fim da mesma semana aconteceu a estreia do circo na cidade, fui acompanhado de duas pessoas. Havia dois ambientes lá dentro, no primeiro espaço havia barracas de refrigerantes, cachorro quente, pipoca, ali encontrei Alexandre, ele vendia “fantasminhas”, que eram brinquedos de pano semelhantes a marionetes, havia ali muitas crianças, e muitos pais compravam para elas os fantasminhas. Passamos então para o segundo ambiente, o picadeiro onde se daria o espetáculo, nele havia sido montada uma arquibancada, sobre a qual foram dispostas cadeiras de plástico empilháveis.

Escolhemos nossos lugares, e ficamos conversando até que as luzes se apagaram. Começaram então a tocar músicas bastante típicas e comumente associadas ao tema circense, um apresentador vestindo um terno vermelho brilhante entrou no picadeiro, o áudio vindo das caixas de som tinha breves interrupções, o que dificultava o entendimento muitas vezes. O espetáculo contou com diversas apresentações, como palhaços, mágica, malabares, tecido, globo da morte, apresentações de dança, equilibrismo.

O ambiente era repleto de crianças, e nos momentos mais impressionantes eram elas que demonstravam seus sentimentos de maneira mais transparente. Elas tinham as risadas mais altas nas apresentações do palhaço, as exclamações mais expressivas no show de mágica, e uma intensa preocupação durante a passagem de um dos artistas sobre a corda bamba, principalmente no clímax da apresentação, quando o equilibrista passou na corda

bamba sobre pernas de pau, atrás de mim, uma garotinha repetia “vai, você consegue”. O que dá sentido à frase que Rocha (2012) atribui aos artistas circenses: “Enquanto houver uma criança no mundo, o circo viverá!”.

O apresentador tinha como função engrandecer o espetáculo, e amenizar os erros, um número era frequentemente tratado como o mais difícil do mundo, o equilibrista em dado momento passa na corda bamba em uma bicicleta, que é descrita como “a menor bicicleta do mundo”, o palhaço tirou muitas risadas de todos, e o mágico foi também bastante impressionante. Os erros cometidos no malabarismo (em que uma das clavas caiu) e no globo da morte (que, apesar de uma das motos pararem de funcionar, me impressionou bastante), eram logo postos de lado pelo apresentador, que chamava os aplausos. O circo não é como um filme, em que você sabe que tudo dará certo no final, ali tudo pode acontecer, o que não tira a magia da coisa, muito pelo contrário, deixa tudo mais intenso.

Além dos artistas, muitas outras pessoas contribuíram de maneira fundamental para o espetáculo acontecer. Eles apoiam trazendo os equipamentos (bambolês, clavas, figurino usado pelo palhaço), e operam as máquinas (que içam a lira, o tecido) e luzes.

Em outras idas ao circo, falei com outras pessoas, na minha primeira ida após a estreia eu conheci Robson, um capataz que estava no circo há sete meses. Eu estava receoso, pois Alexandre não estava lá no dia para me apresentar, mas mesmo sem apresentações prévias, fui bem recebido também por Robson. Ele me disse que sempre exerceu a função de capataz, e que quando o circo chegou à cidade ele decidiu acompanhá-los. O dono o aceitou e ele passou a viajar com eles, ele costuma tirar férias para visitar a família, e disse que é muito bem tratado pelo dono (o que me responde uma das perguntas que propus no início).

Observei então a região da entrada, dentro de um baú de caminhão há pendurados quadros com ícones não apenas circenses, mas da cultura em geral, como Michael Jackson e Elvis Presley. No ambiente onde ficam as barracas de comes e bebes, percebo que toda a decoração é de tema circense, como a lata de lixo, que é a boca de um palhaço. Ouvi então um som, e após o corredor entre a entrada e o picadeiro eu avistei, no centro do picadeiro, uma garota praticando. Ela estava sentada no chão se alongando, e percebi de longe que ela estava com bambolês.

Eu me aproximei e conversamos, seu nome é Larissa, ela tem doze anos, o que me impressionou, pois imaginava que seria mais velha, e não esperava que alguém tão jovem participasse do espetáculo. Impressionei-me uma segunda vez quando lhe perguntei há quanto tempo estava no circo, e ela disse que nasceu no circo. Perguntei-me sobre a sua educação,

mas não manifestei minha dúvida. Ela disse que seu pai “gira” no globo da morte, e que sua mãe cuida de outras coisas relacionadas ao espetáculo, mas não se apresenta em shows. Ela me disse também que tirou férias em dezembro com a família, o que me surpreendeu, pois não sabia que eles tiravam férias.

Eu já não via Alexandre, rapaz que imaginei que seria meu informante, desde a estreia, mas mesmo assim continuei indo. Em uma das idas, vi uma mulher sentada na calçada falando ao telefone, ela parecia estar nervosa, e não falava em português. Resolvi ignorá-la e procurar mais alguém no circo.

No extremo oposto ao lado pelo qual entrei no terreno do circo eu vi dois homens que estavam sentados em frente a um trailer azul. Aproximei-me e me apresentei, um deles me ofereceu uma cadeira para sentar. Um dos homens se apresentou como Carlos, disse que é motorista, e dirige um dos trailers. Ele afirmou, no entanto, que já fora um artista, atuou como palhaço, fez tecido, e pelo tom reticente de sua voz me parece ter feito muitas coisas mais. Ele tem 43 anos, e é bastante forte. Quando lhe perguntei de onde era, disse que foi nascido e criado no circo. Insisti em saber a cidade onde nasceu, mas isso não pareceu significar nada para ele.

Quando lhe perguntei se gostava da vida no circo, ele coçou o bigode e ficou em silêncio, olhando para algumas outras pessoas ali por perto, que estavam carregando um carro com bagagens, ele respondeu então que não gostava nem desgostava, como se fosse simplesmente como a vida é. Disse que muitos já deixaram o circo para morar em algum lugar fixo, no entanto isso não serviria para ele, que logo enjoa dos lugares. Perguntei então sobre o próximo lugar para o qual o circo iria, ele disse que isso era com a diretoria do circo, e que eles muitas vezes ficavam sabendo no dia da mudança.

Falei então com Alberto, um homem de idade já bastante avançada, que nos ouvia em silêncio. Alberto é argentino e já não trabalha no circo (mas aparentemente viaja com eles). Ele relatou que não trabalha mais porque está doente, não pergunto sobre a doença, mas percebi que um de seus braços parecia paralisado. Ele contou que se juntou ao circo há dez anos, quando se divorciou. Sua função era entregar ingressos de cortesia, ele tirou então alguns do bolso da camisa e me oferece, eu aceito alguns. Perguntei a ele sobre o funcionamento dos salários, ele me informou sem problema que os salários eram fixos e pagos por semana. O valor depende da função, os artistas naturalmente ganham mais; o valor depende também do movimento na semana (o que me pareceu contradizer a informação de

que eles eram fixos, mas talvez a porcentagem seja fixa, ou então ele tenha uma margem de variação pré determinada).

Alberto disse que a divisão feita era justa, e que não seria certo que alguns recebessem muito mais do que outros. Ele me sugeriu então que eu visite Alessandra, mãe de Larissa. Ele me apontou qual era o trailer da família dela, e eu decidi ir até lá.

No caminho entre os trailers há mangueiras emendadas e alguns cabos, vejo uma criança brincando com um cachorro, cheguei ao trailer de Alessandra e vi que a porta estava aberta. Quando me aproximei, uma mulher no interior do trailer percebeu minha presença, e levantou os olhos de seus afazeres, ela estava costurando roupas coloridas e com muitos brilhos, ela sorriu e me convidou para entrar. A “sala” do trailer, onde ela estava, tinha uma mesa, em que estão os tecidos nos quais ela estava trabalhando, dois bancos de madeira ao lado desta mesa, um sofá, televisão, e um vídeo game. Eu coloquei minha mochila sobre o sofá e me sentei de frente para ela.

Mais uma vez, encontrei com uma pessoa nascida e criada no circo, mas a minha surpresa nesta conversa foi descobrir que seus filhos são a sexta geração de pessoas nascidas no circo. Perguntei a ela sobre a educação das crianças, eu imaginava que a educação fosse feita pelos próprios pais, no entanto, ela me informou que existe uma lei que ampara crianças em situação de itinerância que obriga as escolas a efetuarem a matrícula imediatamente (mediante pagamento de mensalidade, se houver), sendo assim, a criança não precisa esperar em filas por uma vaga, e isso facilita muito a continuidade de sua educação .

Alessandra disse que já mudou de circo diversas vezes, e que já fez muitos números também quando mais jovem, entre eles equilibrismo, corda bamba escada. Ela me contou que o circo já teve animais, e que seu marido era domador, ela sente falta dos animais, diz que os tratava como se fossem seus filhos, mas que se sente bem pela proibição, já que nem todo circo os tratava bem. Ela lembrou com um sorriso no rosto sobre a época, eles faziam acordos com horti-frutis e levavam até lá os animais, para que se alimentassem, muitas pessoas se maravilhavam ao ir ao mercado fazer simples compras e acabar se deparando com um elefante sendo alimentado, me contou também de um chimpanzé que rodava no globo da morte, enquanto seu treinador ficava no centro segurando sua coleira, disse que ambos passavam o dia tomando chimarrão juntos em frente ao trailer. Alessandra relatou que o circo é “mais que um trabalho, é um amor”.

Entrou no trailer então um rapaz chamado Luiz, eu o reconheço do dia da estreia, é o artista que faz o número do tecido, passamos então a conversar os três. Eu fico observando

eles recordando juntos suas lembranças, quase como se eu não estivesse lá, eles se recordaram sobre erros que já aconteceram, acidentes. Alessandra comentou que quando criança gostava de ficar em cima do caminhão, um dia, no entanto, ela caiu e quebrou a perna, que acabou sendo engessada pelo dentista da cidade onde estavam!

Luiz disse que aos 14 anos um circo chegou à sua cidade, e ele fez amizade com as crianças circenses, que o levaram para conhecer o circo. Quando foram embora ele resolveu começar a fazer aula de circo, aos poucos foi entrando neste mundo, até que começasse a viajar com algum circo, a sua mudança, portanto, não foi tão abrupta. Ele me conta que já foi gerente de loja, já viveu no campo e na cidade, e que não há vida que se compare à vida no circo.

O amor por este estilo de vida é visível, as crianças estudam, Luiz tem vontade de fazer um curso técnico, e ele e Alessandra fantasiam com a possibilidade de Larissa fazer engenharia civil. Mas nada disso é um plano de fuga do circo, muito pelo contrário, a ideia é que tudo seja usado a favor do circo. A ideia do curso de engenharia, por exemplo, seria para que ela pudesse agilizar os alvarás que o circo necessita, que são bastante demorados. A possibilidade de um estilo de vida diferente parece fora de cogitação. Alessandra diz que “em mil vidas, ela não gostaria de estar em outro lugar”.

Perguntei à Alessandra se hoje a vida no circo é mais difícil que antigamente, ela me confirmou que sim, porque as pessoas muitas vezes não dão o devido valor à cultura circense, muitas crianças nunca foram levadas pelos pais para conhecer o circo. Como dito por Rocha (2012), “Houve um tempo em que a chegada do circo às cidades do interior representava um fato extraordinário”, isso porque, por muito tempo, o circo foi a única forma de entretenimento que as pessoas poderiam experimentar nestas cidades (TINHORÃO, 2005; ANDRADE, 2010), soma-se a isso o alto custos dos alugueis nas cidades grandes, e o alto preço das divulgações. Nesta parte me lembro que ela me contou também sobre a história do circo como um todo, e que o esquema da montagem era de “pau fincado”, e que foi sendo substituído pelo esquema de “circo tencionado”, que é montado e desmontado mais rapidamente, o que melhora a adaptação do circo ao ambiente urbano.



Fonte: do autor

Eles me mostraram então algumas fotos, Alessandra tem muitos registros de outros circos onde ela e sua família trabalharam, a memória parece um elemento muito importante dentro da cultura circense. Às minhas perguntas sobre o próximo lugar para onde vão, e sobre os salários, recebo as mesmas respostas que recebi antes: eles recebem semanalmente dependendo do movimento, e o próximo lugar é frequentemente dito a eles no dia da mudança.

Minha última visita ao circo foi em uma tarde em que ventava muito, não vi ninguém, ouvia apenas os pássaros, e um barulho vindo do interior do picadeiro. Eu entrei e vi que o som era de Larissa praticando. Fui novamente para o trailer da família dela, e lá conversei com Luiz que desta vez me esclareceu melhor algumas questões mais técnicas. Luiz relatou que um “contrato” é firmado verbalmente entre o empregado e o dono do circo, eles combinam juntos a função que será desempenhada e o ganho da pessoa. Luiz também já trabalhou em outros circos, e disse que os donos costumam assistir aos espetáculos dos circos uns dos outros, e então fazem propostas aos artistas. É comum entre todos os funcionários que eles já tenham trabalhado em muitos circos

Reflito sobre como o rompimento com a vida anterior se assemelha com o de quem muda de Estado ou até de país por conta de uma vaga na universidade, ou de uma

oportunidade de emprego, o estilo de vida, no entanto, é diferente do de qualquer um que estude ou tenha um trabalho formal. Eles lidam com as coisas de uma maneira muito flexível, as pessoas que conhecem e os amigos que fazem em uma cidade logo ficam para trás, os locais logo ficam na lembrança, eles possuem apenas o que podem carregar na viagem, e são desapegados a tecnologias novas como internet e televisão, na verdade, eles se viram bem até com a falta de coisas básicas. Se falta energia, eles ligam um gerador, ou se juntam no escuro para conversar; se falta água, eles tomam banho em algum posto de gasolina; a alimentação é por conta do dono do circo, em um dos caminhões há uma cozinha, onde comida para todos é preparada. O dinheiro é dividido de maneira proporcional ao movimento de clientes na semana; se for fraco, todos se mudam, se um outro circo faz uma proposta melhor, eles mudam de circo, a única coisa que parece impensável é abandonar o estilo de vida itinerante.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, José Carlos dos Santos. **O teatro no circo brasileiro – estudo de caso: circo-teatro pavilhão Arethuzza**. Tese (doutorado em Artes), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROCHA, Gilmar. O circo chegou! memória social e circularidade cultural. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 69- 89, nov. 2012.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons que vêm da rua**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.